

As Origens Missioneiras de Santa Maria

Júlio Ricardo Quevedo dos Santos ¹

INTRODUÇÃO

Santa Maria bem antes de ser um núcleo populacional de origem luso-brasileira foi missioneira, com forte presença de população guarani, que as autoridades e sociedade coloniais se empenharam fortemente de apagar da memória histórica. Na medida em que os conquistadores luso-brasileiros foram incorporando esta região à América Portuguesa, a partir de seus diversos acampamentos militares, foram meticulosamente construindo uma história que nega os diversos vestígios da dominação da Coroa de Espanha no local. Naturalmente que, cada povo que domina procura apagar a memória e os registros históricos daquele que o antecedeu, todavia, os sinais, os emblemas, os signos, os rastros do anterior podem ser percebidos nas mais variadas formas.

Partimos da premissa de que, um dos primeiros núcleos de colonização ibérica em Santa Maria, remonta o tempo das Reduções do Tape, cujas origens remotas se encontram na Redução Jesuítica São Cosme e São Damião, da primeira fase missioneira, 1634 – 1639. Portanto, defendemos a tese de que se efetivou uma experiência reducional sistemática anterior, ancestral, no lugar onde hoje está Santa Maria. Com certeza, não somos os primeiros a defender tal idéia, reconhecidos historiadores no passado já o fizeram, como é o caso de Rubert, que ao escrever sobre a Diocese de Santa Maria aborda sobre o que ele denomina de “pré-história da Diocese”, fazendo alusão às antigas Reduções. Afirma o autor que: “Parece hoje fora de dúvida que houve, no atual território da diocese santa-mariense, 6 Reduções Jesuíticas, fundadas no primeiro período da evangelização (1626-1636)” (RUBERT, 1957, p. 13). Na seqüência do texto, ele trata sobre a Redução de São Cosme. Nesta mesma perspectiva, Romeu Beltrão, afirma: “São Cosme, que, de acordo com minha pesquisa, ficava mais ou menos onde se ergue nossa cidade” (BELTRÃO, 1979, p. 15). Mais recentemente, Torronteguy tem produzido diversas pesquisas a respeito da questão.

¹ Docente do Departamento de História da UFSM; Doutor em História Social pela USP.

Sendo assim a nossa proposta é bastante razoável, problematizar o passado histórico santa-mariense buscando as suas origens nos primeiros contatos entre os jesuítas e as populações originárias que viviam em Santa Maria, anterior a sua atual formatação. Nossa intenção é desafiar o leitor a pensar, a refletir sobre como se deram as construções históricas a partir da dinâmica da sociedade mercantil-colonial hispânica que se apropriou da terra das populações originárias e como eles foram transformados em índios e trabalhadores nessa lógica típica dos séculos XVII e XVIII.

Por fim, Santa Maria nasce em meio aos embates do ritmo das fronteiras ibéricas na região do Rio da Prata, fazendo com que a localidade à vezes estivesse inserida no espaço colonial espanhol, às vezes no português. Assim, a localidade foi palco desse espetacular movimento de “vai e vem” peculiar de fronteiras em (des)construção. Nesse processo, a herança missioneira só pode ser percebida muito mais como um sistema simbólico historicamente constituído de toda e qualquer atividade e pensamentos humanos. Nesse caso, a representação que a sociedade santa-mariense construiu sobre o seu passado, logo passou a constituir o imaginário social e coletivo, criando uma imagem do passado, muitas vezes estereotipada e indiferente às singularidades de grupo que a constituiu em cada circunstância específica.

EXPANSÃO IBÉRICA E COLONIZAÇÃO DO TERRITÓRIO

No século XVII, antes da região de Santa Maria ser colonizada efetivamente pelos luso-brasileiros, ela foi conquistada por súditos da Coroa de Espanha, em consonância com o Tratado de Tordesilhas. Os primeiros protagonistas ibéricos a iniciarem o processo de conquista da terra e das populações originárias – a população guarani – foram os padres jesuítas, artífices de um amplo processo de expansão rumo à região do Rio da Prata, sob os auspícios da Coroa de Espanha e da Companhia de Jesus.

Os jesuítas trataram de incorporar os territórios e as populações originárias da margem esquerda do rio Uruguai, as bacias hidrográficas do Ijuí, Ibicuí e Jacuí e o planalto central do atual Rio Grande do Sul, aos domínios do Estado Absolutista Espanhol. A população que vivia nesse espaço geográfico era a Guarani, que o denominava de Tape.

O padre Nicolás del Techo, assim descreve o Tape:

“Recebe esta [região do Tape] seu nome da cordilheira que, pelo espaço de quase cem léguas, a rodeia de oriente a ocidente; dista oito dias de caminho do [rio] Uruguai e o duplo do mar Atlântico. Os vales que se encontram ao pé das montanhas tem férteis prados, apropriados para criar numerosos rebanhos. A terra, em geral, é feracíssimo, regando-a infinidade de rios e fontes (...) Os habitantes do Tape em quase nada diferem, no que toca a seus costumes e idioma, dos guaranis; contudo, são de caráter mais doce e menos corrompido pelos vícios (...) O povo do Tape, que deu seu nome a toda a província, era o mais considerável.” (TECHO, vol. IV: 189)

Assim teve início o processo de conversão, todavia, bastante conflituoso. O guarani do Tape vivia momentos impactantes do seu cotidiano, reagindo à tomada de posse de suas terras pelos conquistadores ibéricos, os quais se constituíam em frentes de conquista diferenciadas: os encomendeiros paraguaios; os bandeirantes, e os padres jesuítas.

Por iniciativa do governador da Província do Rio da Prata, D. Francisco de Céspedes, desde 1626, os jesuítas receberam o direito à redução dos índios da região do Tape, quando empreenderam a construção de Reduções. Tinha início o projeto de submissão do guarani à fé católica, ao Estado Espanhol, aos valores, regras, princípios, códigos da cultura cristã ocidental. Pela normativa do governador, os jesuítas recebiam amplos poderes de conversão, sob os ditames do Estado Espanhol:

Por quanto tengo hecho à la Compañía de Jesus entriega en nombre de Su Majestad Y mia de las Provincias del Uruãÿ, para que atienda á la reducción de los naturales dellas, y á su conversión á la santa fé católica, y obediencia y servicio de la Real Majestad y ésto se ha de conseguir mediante las reducciones y poblaciones que los Padres de la dicha Compañía han de ir haciendo de los dichos naturales: Le dei en nombre de S.M. ampla facultad y poder sin limitación y restricción alguna para que hagan y funden todas las Reducciones que pudieren.²

Com base neste preceito os jesuítas espalham as suas Reduções por diversas áreas do Tape, entre elas, a da atual Santa Maria. Para estes agentes do Estado Espanhol e soldados do Papa, a área preenchia os seus requisitos, pois havia um bom contingente

² Correspondencia oficial de Don Francisco de Céspedes, governador y capitán General de las provincias del Rio de la Plata. 4\7\1626. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro\Seção de Manuscritos.

populacional espalhado que vivia em pequenas aldeias lideradas pelos seus chefes locais. Além disso, estava na rota de comunicação das bacias hidrográficas supramencionadas, nas fronteiras do Planalto central e dos campos. Imediatamente os jesuítas procuraram manter contatos culturais com as populações originárias que viviam nas redondezas, principalmente na aldeia de Ibitimiri. Com base nesse contato fundaram a Redução de São Cosme e São Damião. Na Carta Anua do padre Romero³, de maio de 1634, está o informe de que desde 1633 o padre Adriano Formoso juntava indígenas para organizar uma nova Redução, fundada em 24 de janeiro de 1634.

A Redução de São Cosme e São Damião – célula mater de Santa Maria – chegou a se constituir de 1.200 famílias. Sobre a vida cotidiana desse povoado, o padre Antônio Ruiz de Montoya, na “Conquista Espiritual”, narra que os missionários chegaram a reunir uma população de 5.000 indígenas.

Os jesuítas traziam consigo culturas agrícolas cujas exigências não eram compatíveis com o clima e o tipo de solo arenoso e de grandes elevações, e nem possuíam uma tecnologia apropriada. Assim, eles se depararam com uma terra hostil e um clima rigoroso, o que prejudicava tanto o plantio quanto a colheita. O trabalho de reunir os indígenas muitas vezes se via prejudicado pelas contingências da natureza e muitos deles retornavam para a vida na floresta à procura de caça, coleta e pesca. Jaeger salienta que: “a gente [o grupo social] espalhou-se pelos campos e florestas em procura de mantimento” (JAEGER, 1937:48). Essa situação favorecia aos antigos pajés, contrários ao processo de conversão e evangelização. As adversidades de efetivar o projeto reducional propiciaram que muitos índios reduzidos abandonassem a Redução e seduzidos pelos seus pajés retornassem a vida tribal na aldeia.

Sobre esta situação Montoya comenta que: “A muitos venceu, no entanto, a contínua contradição, feita pelos magos ao Evangelho, no sentido de que voltassem a seus postos antigos” (MONTROYA, 1997:246). Ao que se percebe, ocorreu a dispersão desses reduzidos pela região. O padre Adriano, com um número restrito de jovens passou a lavar

³ CARTA Anua das Missões do Paraná e do Uruguai, relativa ao ano de 1633, pelo Pe Pedro Romero, São Nicolau, 16/5/1634, in: **Manuscritos da Coleção de Angelis** (MCA) – III (Jesuítas e Bandeirantes no Tape: 1615-1641), introdução e notas Jaime Cortesão. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969. p. 95.

a terra, a fim de alimentar as mulheres e as crianças da Redução. Em outro documento⁴, faz-se referencia que os guaranis: “tenían gran aversión a la agricultura. Así, para matar el hambre, tenían que salir al monte y a los campos para buscar sus sustento, no importándoles a ellos ni Padres, ni iglesia” (CARTA Anua, 1637-1639: f. 38v. p. 87). Nesse momento de crise chama a atenção o discurso que constrói o estereótipo do índio preguiçoso, do indolente que não quer plantar, entretanto, ao contrário, a agricultura mercantilista não fazia parte do universo simbólico indígena, muito menos das suas formas de trabalhar. O padre não procurou decodificar os códigos do Guaraní, apenas, inculcar os seus próprios. Outro aspecto, saliente no documento é de que, a proposta do Estado e da Igreja estava na medida de todas as coisas para o índio: se tinha fome, e a Redução alimento a oferecer, ele ficava, caso contrário, seguia a sua tradição e seus costumes, incompreendidos pelo missionário.

Para resolver tal impasse, o provincial Pedro Romero ordena em 1634, que o padre Cristóvão de Mendoza introduza para a margem oriental do Rio Uruguai 1.500 cabeças de gado, numa média de 100 por Redução. Com a introdução do gado, os índios reduzidos de São Cosme conheceram o arado puxado por bois e o jesuíta ensinou-os a utilizarem essa nova tecnologia, dispensando muitas vezes a tradicional prática da coivara. Além disso o índio se acostumou a criar o gado de forma intensiva, propiciando o crescimento agropastoril em prol da subsistência. Dessa forma, o trabalho do indígena reduzido resultou no aumento da produção, dos campos de cultivo e dos ervais.

Mas, à medida que o padre Adriano e seus índios reduzidos foram aprendendo como usar a terra, as lavouras prosperaram com colheitas foram satisfatórias. Conforme Techo, o êxito da colheita passou a atrair as populações guaranis das redondezas, as quais passaram a se fixar em São Cosme, desmerecendo o discurso de seus antigos opositores.

Todavia, quando a vida quotidiana da Redução começava a se organizar, acontece, ao que Montoya denomina de “peste rigorosa”. Não há referências sobre que tipo de epidemia se trata, entretanto, os missionários tiveram que agir em diversas frentes:

“E, para que a terra desamparada de seus lavradores, por causa da enfermidade geral, não ficasse ociosa e para que houvesse sementes de plantio, bem como sustento aos necessitados, os próprios padres a

⁴ CARTAS Anuas de la Provincia del Paraguay, 1637-1639. Advertencia de Ernesto J. A. Maeder. Introducción y notas de Hugo Storni SJ. Bs. As. FECIC, 1984.

lavraram, fazendo numerosas plantações, a partir de cujos frutos ofereceram o sustento aos doentes e atraíram aos que se tinham recolhido aos matos e montes.” (MONTROYA, 1997:246).

Nesses momentos de desafio ao projeto reducional, sobressai a cultura guarani, já que: “había una especie de superstición muy arraigada entre ellos [guaranis], que consistía en llamar, en caso de enfermedad, a los hechiceros, para que los sanaran” (CARTA Anua, 1637-1639: f. 39. p. 87). No discurso jesuítico, ao invés de reconhecer as heranças das antigas referências religiosas – os pajés e as suas práticas de cura – que permaneciam e compunham o cotidiano da Redução, o padre deslegitima tal prática, construindo a sua negação e imputando a incapacidade indígena. O guarani, mesmo reduzido, conquistado, evangelizado, não negava a sua ancestralidade cultural. Isso desafiava o padre que considerava os curandeiros, verdadeiros: “médicos diabólicos [que] no saben nada de medicina, sino que simulan inícuamente que chupan algo del cuerpo del enfermo, para que sane” (CARTA Anua, 1637-1639: f. 39. p. 87). Dessa maneira, as práticas de medicina popular, cujo universo simbólico estava arraigado na cultura e no modo de ser guarani, são apresentadas de maneira estereotipada.

Provavelmente, somente em 1636 é que o projeto reducional de incorporação das populações originárias ao mundo colonial começava a se sedimentar. A fim de legitimar tal projeto, o missionário passa a usar o mecanismo de narrar o que era a vida do guarani do Tape antes e depois da Redução. Na narrativa, antes era o mal profano, o caos, como o exemplo do: “pai pagão, que se amancebou com a própria filha” (MONTROYA, 1997: 246). O depois é marcado por vários exemplos edificantes do bem cristão e, portanto, sagrado, como esta mesma filha ter reconhecido o quão era pecaminosa a sua situação com o pai, quando a mesma passa a conviver com novas normas, condutas, códigos da Redução e, após o batismo, ela se arrepende do pecado cometido. Mas a coroação de tal exemplo só poderia se consolidar a partir dos exemplos de hierofania da justiça divina, quando o padre minuciosamente passa a descrever a morte do pai pelo próprio filho, se tratando de “uma vingança que o céu tomou por meio do irmão, filho, cunhado”. Em grande parte dos discursos, os padres reforçam a idéia de que os índios tinham uma vocação natural ao pecado e por isso apontam que uma das funções do projeto reducional era a superação de tal vocação. Do ponto de vista cultural, temos aqui bons exemplos de formas de expressões e traduções da realidade, as quais se fazem de forma simbólica, admitindo-se que os

sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentem de forma cifrada, portanto, já um significado e uma apreciação valorativa, no caso, o índio e o jesuíta. Enfim, encontramos na fala jesuítica os sinais, os signos, que nos possibilitam decodificar a cultura guarani, já que se trata de um conjunto de significados partilhados e construídos pelos seres humanos para explicar o mundo.

Enquanto estava se organizando a vida reducional em São Cosme, avançam na direção das Reduções do Tape as Bandeiras paulistas, a partir 1635. Tinha início o embate entre a escravização bandeirante e o projeto político reducional, num processo de destruição, pilhagem e rastro de sangue, que resultou na escravização de aproximadamente 30.000 indígenas reduzidos. A primeira redução atacada foi Jesus Maria, na margem direita do Rio Pardo. Essa ação escravista dos bandeirantes tornava-se nociva à proposta reducional dos jesuítas, pois as diversas populações guaranis começaram a questionar a suposta segurança oferecida pelas Reduções, obrigando os padres a reavaliarem o seu projeto. Uma das medidas foi: solicitar ao monarca espanhol a aquisição de armas de fogo para os índios reduzidos, a fim de expulsar os bandeirantes das Reduções, ao que ele autoriza e, em 1641, as milícias indígenas reagem eficazmente contra o bandeirante. Gradativamente, os índios reduzidos, entre eles os de São Cosme, obrigam os inimigos bandeirantes a recuarem.

Os guarani-reduzidos de São Cosme e São Damião guerrearam contra os inimigos bandeirantes como certifica o Mestre de Campo espanhol Gabriel de Insaurralde⁵. Ele comenta sobre a derrota sofrida pelos bandeirantes nos campos de Caaçapamini, e na seqüência expõe a situação em que se encontravam as Reduções do Uruguai. Insaurralde foi com 10 espanhóis socorrer os índios da Redução de Caaçapamini, mas chegou tarde, foi quando constatou que os mesmos haviam aprisionado numa paliçada, diversos portugueses e que os mesmos tinham destruído quatro Reduções, semeando o medo e o pânico entre os indígenas, obrigando outros tantos a fugirem para lugares mais seguros.

⁵ Certificado do Mestre de Campo Gabriel de Insaurralde, Nossa Senhora de La Limpia Concepción del Uruguay, 13/03/1638, in: **Manuscritos da Coleção de Angelis** (MCA) – III (Jesuítas e Bandeirantes no Tape: 1615-1641), introdução e notas Jaime Cortesão. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969. pp. 245-247.

Ao informar sobre sete Reduções existentes no Uruguai e Serra do Tape, entre elas, São Cosme, Insaurralde destaca que todos esses grupos lutaram contra os portugueses. Nos campos de batalha de Caaçapamini, assim descreve:

“vimos otros Padres y muchos indios de las siete Reducciones del Yapeyu, Stº Thomé, S. Joseph, S. Cosme, S. Mguel, S. Xavier y la Asumpcion del Acaragua que avian concurrido al dho effecto de la guerra contra los dhos Portugueses” (MCA-III, p. 247)

Mediante tais acontecimentos, era inevitável a destruição do projeto reducional de colonização dos indígenas que viviam no território da atual Santa Maria pelos bandeirantes. As possibilidades de sobrevivência em meio aos conflitos e as crises, se restringiam a transmigração. Nas Cartas Anuas da Província do Paraguai (1637-1639)⁶, o Provincial Francisco Lupercio de Zurbano relata, entre outros acontecimentos, que a transmigração dos índios reduzidos da Redução de São Cosme e São Damiano do Tape trasladou-se à margem ocidental do Rio Paraná, entre o Rio Aguapeí e Candelária. Através deste documento ficamos sabendo que: “era esta reducción la más expuesta a las invasiones de los lusitanos, por lo cual era evidente que tenía que trasladarse” (CARTA Anua, 1637-1639: f. 38v. p. 87). O processo de transmigração durou mais que dois meses e a empreitada não foi fácil, porque os indígenas não desejavam abandonar o local, sintetizado como: “la transmigración desde este lugar de superstición a los nuevos sitios más favorables”. Nesse processo, estão implícitos os valores, as normativas, os costumes da cultura guarani, expressas na Carta, conforme o missionário: “Su inclinación a la superstición, a la flojera, y a sus costumbres antiguas, les hacía casi ineptos para la religión. Además tenían gran aversión a la agricultura” (CARTA Anua, 1637-1639: f. 38v/f.39. p. 87).

Num documento bastante interessante denominado “Relação do Estado em que se encontravam as Reduções do Paraná e do Uruguai”, provavelmente de 1640, produzido ao sabor da ação dos bandeirantes no Tape, o autor narra que, em meio a esses episódios, era comum alguns pajés liderarem guaranis não convertidos para tentarem persuadir os convertidos a retornarem para a vida tribal nas florestas. Dessa maneira, o relator narra que:

⁶ CARTAS Anuas de la Província del Paraguay, 1637-1639. Advertencia de Ernesto J. A. Maeder. Introducción y notas de Hugo Storni SJ. Bs. As. FECIC, 1984.

“[havia] outro [inimigo] mucho mas peligroso y tanto mayor quanto el enemigo [bandeirante] era mas demestico y mas practico y vaqueano en la tierra, que son los hechiceros que llaman Apicayré, los quales sabiendo q los indios y gente de armas todos avian acudido [as Reduções, entre elas São Cosme] y hacer en ellos las maldades y crueldades q costumbran hacer (...) andan como fuera de si, como endemoniados o lunáticos” (MCA-III, pp. 219 e 220).

Devido a este conjunto de fatores, o missionário avaliava que não seria fácil a transmigração, já que: “se trataba ahora de sacar de sus tierras y llevarla a outra. Inesperadamente, y con el favor de Dios consintieron en ello” (CARTA Anua, 1637-1639: f. 39. p. 87). Levando em consideração as circunstâncias históricas como o avanço das frentes escravistas bandeirantes, a ocupação das terras indígenas e a conseqüente apropriação, a limitação cada vez mais constante à caça, à pesca, a coleta, as guerras constantes – enfim as atrocidades promovidas pelos povos de origem ibérica – faz sentido que as populações originárias avaliassem as vantagens de seguirem com os padres para outras áreas da Província do Paraguai, num lugar mais seguro, onde pudessem sobreviver.

Convém destacar que nem toda a população migrou, pois, Torronteguy⁷ confirma que mesmo com a saída dos padres, o lugar sobreviveu pela ocupação de índios aculturados, os quais conservaram as atividades agro-pastoris. Nem todos transmigraram e o gado da Redução ficou solto no Tape. A partir de então, cresceu selvagem e proliferou-se em diversas áreas da Banda Oriental do Rio Uruguai, dando origem as Vacarias do Mar, que servia para abastecer as Reduções do lado ocidental daquele rio, bem como as investidas de aventureiros, populações originárias como os Minuanos,⁸ Charruas, Guaranis (que viviam do lado oriental), vaqueiros, tropeiros, conquistadores, gaudérios, estancieiros, etc. Esses diversos grupos sociais passaram a denominá-los de gado xucro, iniciando a sua preia por volta de 1650. Em 1660 os tropeiros começavam a freqüentar sistematicamente as Vacarias, entre elas a que ficava entre os rios Jacui e Ibicui.

⁷ TORRONTÉGUY, Teófilo O. V. Readaptação das famílias missioneiras migrantes: a rua da aldeia, in: **ANAIS** Simpósio Nacional de Estudos Missionários – 11. Santa Rosa: EdUNIJUÍ, 1995. p. 312.

⁸ Conforme documento transcrito (Correspondência do Vice-Rei do Brasil com o Governador do Rio Grande, Arquivo Nacional RJ – v.8, fls 206v e 207) na obra de João Belém, na década de 1780 vivia um grupo do Minuanos aldeados no Rincão de Santa Maria, que tinham ainda algumas cabeças de gado do tempo da Redução de São Cosme.

Retomando, a ação dos guarani-reduzidos de São Cosme – os nossos ancestrais santa-marienses – é emblemática o longo do processo de transmigração:

“Después de concluirse la santa misa, ellos con su propia mano pusieron fuego a sus chozas, para que después de partir no les viniese la gana de volver a ellas” (CARTA Anua, 1637-1639: f.39. p. 87).

Os guarani-reduzidos atearam fogo na Redução para não deixar rastro aos bandeirantes, num gesto de esquecimento de uma história ali vivida entre 1634-1639. Além disso, essa prática estava circunscrita ao universo simbólico guarani. Próximo ao rio Paraná (atual mesopotâmia argentina), os nossos ancestrais santa-marienses ergueram novamente o povoado de São Cosme e São Damião, dando início a: “la construcción de las casas y la roza de la selva virgen para la sementera” (CARTA Anua, 1637-1639: f. 39. p. 87).

Para o padre jesuíta, assim como na Bíblia, tinha início a construção da nova Canaã, a terra da promessa, cuja expressão máxima está incisivamente registrada no documento:

“Así sucedió que se dejaron de sus antiguos errores y supersticiones, frecuentando devotamente el nuevo templo por ellos construído, mejorándose ellos de día en día, debido a su buena asistencia a la explicación de la doctrina y de la Palabra de Dios (...) A la confesión vienen com más frecuencia” (CARTA Anua, 1637-1639: f. 39. p. 88).

A Redução, agora segura, se transformava num lugar não só de salvação sobrenatural, mas também de novo arranjo para a vida material indígena do Paraguai. Ali, o índio cristão estava salvo do serviço pessoal do encomendero, da escravidão e segundo o missionário do assédio das antigas lideranças indígenas contrárias ao projeto reducional. Para os missionários, à medida que os índios deixavam os seus antigos erros e superstições, estavam inseridos nas três leis que regem hierarquicamente a condição humana, cujo paradigma conceitual residia em Tomás de Aquino. O padre ao defendê-la está negando o trabalho escravo ou compulsório para o índio cristão, pois esse já havia deixado a gentilidade e vivia no reto caminho do Cristianismo, da Salvação, portanto, não se justifica tratá-lo como gentil. *Ser*, enquanto *Ser Cristão*, significava que ele estava sujeito a lei divina, a lei natural, fazendo a distinção entre Bem e o Mal e a lei humana, no caso a legislação espanhola e em destaque as “Ordenanzas de Alfaro” que coíbiam o trabalho escravo ou compulsório.

O índio reduzido contava com o invólucro do Sagrado, do Cristão, das três leis, o que impedia sobremaneira qualquer tentativa contrária disposta a romper o invólucro. O índio que absorvesse os ensinamentos jesuíticos por motivos bem concretos: a proteção do Sagrado (a repetição - mesmo que mecânica - do catecismo) garantia-lhe a proteção contra a terrível exploração colonial. Não podemos esquecer que após a transformação do índio em Cristão ele passava a comungar com o povo eleito, e este pensamento os padres defendiam com o mesmo fervor.

Para garantir a eficácia do projeto reducional, o índio reduzido pagava tributo ao monarca espanhol, não mantendo vínculo direto com os encomendeiros. Óbvio que isso desagradava à elite colonial paraguaia. Todavia era uma dupla libertação, enfatiza Montoya, onde a Redução: “Daban los Padres a los gentiles, razón de su venida en sus sermones, que era hacerlos hijos de Dios y librarlos de la esclavitud del demonio”.⁹ Era como se as Reduções – principalmente após 1640, quando venceram o desafio bandeirante – fossem ilhas de Cristianização em meio a terra de Lúcifer. Eles deviam irradiar a salvação, a divinização de terra. A redução era o exemplo cabal que o Bem Cristão triunfava sobre o Mal profano dos gentios.

A tese da terra da promessa, o mundo sagrado jesuítico ante o profano guarani, se completa na expressão de Zurbano, ao evidenciar que, na nova São Cosme e São Damião, a troca de clima e terras favoreceu ao aparecimento e doenças no povoado, porém, os guarani-reduzidos ao invés de clamarem pelos antigos líderes espirituais e médicos, ao contrário:

“Formaron con esta ocasión nuestros Padres de entre los indios, cuadrilhas de a dos enfermeros, gente ya de madura edad, sanos, robustos y piadosos, para el servicio de los enfermos, y para investigar si los había en las casas, campos y selvas. Al mismo tiempo estos enfermeros eran los mejores vigilantes contra la antigua superstición de los hechiceros, y los mejores propadores de las prácticas religiosas” (CARTA Anua, 1637-1639: f. 39v. p. 88).

Percebe-se na fala missionária, quase que uma homilia, num autêntico comparativo entre o antes e o depois, com destaque as rupturas às práticas culturais tribais dos guaranis.

⁹ MONTROYA, Pe Antonio Ruiz. **La Conquista Espiritual**. Estudio Preliminar y notas de Ernesto Maeder. Rosário: Edquipo Difusor de Estudios de Historia IberoAmericana, 1989. pp 60-61.

A vida anterior à Redução – às vésperas da consolidação de São Cosme, já às margens do rio Paraná, é vista como um momento impar na elaboração do projeto reducional, fadado ao fracasso devido à presença permanente dos chamados índios infieis. Uma vez que eles foram afastados, podia-se atingir ao estado de positividade. Por fim, o missionário se vangloria em formar uma equipe de índios cristãos ligados à saúde dos reduzidos, cujo princípio residia em negar as práticas culturais guaranis, denominadas de pagãs, portanto, diabólicas. Assim, o discurso de conversão do padre assume a função de fala sagrada, contrapondo-se e negando a alteridade do guarani.

Entretanto, convém destacar que, apesar de todos os esforços de vencer a epidemia, a Carta Anua de 1641-1643 indica que ela causou grande estrago na população indígena:

“la cosecha de la peste em cuatrocientos difuntos, entre los cuales volaron al cielo treinta y dos infantes; de los adultos se pueden tener las mismas esperanzas de su salud eterna (...) ni sólo los índios padecieron la enfermedad de tercianas, sino también los Padres y com todo eso les asistían al alma y al cuerpo con el amor y caridad que pedía el desamparo” (CARTA Anua, 1641-1643: f. 314 pp. 87-88).

Nessa época, os padres curas eram Pablo de Benavides e Ignácio Aquilino. O padre Adriano Formoso atuava na Redução de los Apostoles. Um dos motivos da doença contraída pelos guaranis de São Cosme deve-se ao motivo da transmigração para um território diferente do seu habitat natural, o que evidencia a dificuldade de adaptação.

O número de guarani-reduzidos de São Cosme diminuía sensivelmente, pois na Carta Anua supramencionada, há a seguinte referência: “esta reducción igual a la pasada [nas proximidades do Ibicui], pero desigual en almas, porque estas son dos mil y ciento” (CARTA Anua, 1641-1643: f. 314 p. 88). Ao verificarmos um conjunto de registros populacionais como: os dados da Visita do Governador Lariz, de 1647; as informações da Visita do Ouvidor Blazquez de Valverde, de 1657; os dados de Visita do Ouvidor Ibañez de Faria, de 1676 e; por fim, o relatório de Visita dos bispos Casas y Azcona Imberto, de Assunção e de Buenos Aires, de 1682, respectivamente, tem-se o seguinte fluxo populacional: 1647 – 1.075 hab.; 1657 – 1.376 hab.; 1676 – 1.210 habitantes; 1682 – 1.283 habitantes. Evidentemente que, entre os vários motivos do decréscimo populacional, está o retorno de muitos ao antigo Tape, mais precisamente nas paragens santa-marienses.

Em suma, da primeira fase da presença e atuação jesuítica no Tape, tem-se a fundação e desterritorialização da Redução de São Cosme e São Damião, no sítio histórico que depois foi refundada um outro núcleo urbano: Santa Maria. A memória e a história reconfiguraram este acontecimento que ficou no esquecimento da sociedade santamariense, perdendo os seus referencias e os seus vínculos com este passado missioneiro. Entretanto, é ofício do historiador manter viva essa memória, ressignificando-a neste momento em que se comemoram os 150 anos de emancipação político-administrativa da cidade.

CONCLUSÃO

A Redução de São Cosme e São Damião marca o início da conquista ibérica de Santa Maria, portanto 224 anos antes da data oficial de fundação da cidade e há 374 anos atrás. A Redução possibilitou a construção do projeto reducional para as populações originárias que viviam em suas aldeias no conjunto de outras reduções do Tape. Entretanto, a experiência reducional e missioneira se pulverizou ao longo do processo histórico santamariense. Dessas experiências o que permanece na atualidade não são os atos de conversão, de evangelização das populações originárias pelos padres jesuítas e a sua inserção no catolicismo colonial. O que ficam são os exemplos bem sucedidos de defesa da fronteira, do militarismo, do comércio, das trocas, da atividade pecuarista, dos heróis militares, da organização da vida civil. Ao longo do capítulo procuramos destacar alguns dos tantos atores sociais que construíram essa história, nominamos clérigos e leigos, mas provavelmente o leitor deve ter lembrado os leigos, em detrimento dos clérigos. Isso ocorre porque a memória social é permeada de lembranças e esquecimentos. Historicamente, as referencias são mais voltadas à lembrança de leigos do que de religiosos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELÉM, João. **História do Município de Santa Maria**: 1797/1933. 3 ed. Santa Maria: EdUFSM, 2000.

BELTRÃO, Romeu. **Cronologia Histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho**: 1787-1930. 2 ed. Canoas: La Salle, 1979.

BELTRÃO, Romeu. A Redução de São Cosme e São Damião. **Revista Rainha**. Santa Maria, agosto de 1967.

BORGES FORTES, João. Santa Maria da Bocca do Monte: cidade e município, in: AZAMBUJA, Graciano A. **Anuário do Estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Krahe e Cia Livreros, 1902. pp. 155-162.

BRUM, Ceres K. *O Mito de Sepé Tiaraju: etnografia de uma comemoração*, in: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.) **Sepé Tiaraju: muito além da lenda**. Porto Alegre: Comunicação Impressa, 2006: 67-88.

BRUXEL, Arnaldo. **Os Trinta Povos Guaranis**. 2 ed. Porto Alegre: EST/Nova Dimensão, 1987.

CARRION, Luiz Prates. História de Santa Maria. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Maria**. Santa Maria, v. 1, n. 1, p. 31-40, 1962.

CARTAS Anuas de la Provincia del Paraguay, 1637-1639. Advertencia de Ernesto J. A. Maeder. Introducción y notas de Hugo Storni SJ. Bs. As. FECIC, 1984.

CARTAS Anuas de la Provincia Jesuítica del Paraguay. 1641-1643. – Resistência: Instituto de Investigaciones Geohistóricas, 1996.

FERREIRA, Jurandyr Pires (direção). **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros** (Santa Maria). Rio de Janeiro: IBGE, 1959. (XXXIV vol.)

JAEGER, Pe Luiz Gonzaga. *As primitivas Reduções Jesuíticas do Rio Grande do Sul* (1626-1636), in: PORTO, Aurélio (org.). **Terra Farroupilha**. Porto Alegre: ed. Centenário Farroupilha, 1937.

HAUBERT, Máxime. **Índios e Jesuítas no tempo das Missões**: séculos XVII – XVIII. São Paulo, Companhia das Letras: Circulo do Livro, 1990. (A vida cotidiana)

MAEDER, Ernesto J. A. e GUTIERREZ, Ramon. **Atlas Histórico y Urbano del Nordeste Argentino**: El médio físico, el poblamiento prehispánico y la época colonial (1500-1810). Resistencia: IIG/CONICET/FUNDANORD, 1994.

Manuscritos da Coleção de Angelis (MCA) – III (Jesuítas e Bandeirantes no Tape: 1615-1641), introdução e notas Jaime Cortesão. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969.

MILDER, Saul E. S. *et al.* *A Guarda Espanhola de São Martinho*, in: **ANAIS** Simpósio Nacional de Estudos Missionários – 11. Santa Rosa: EdUNIJUÍ, 1997: 432-436.

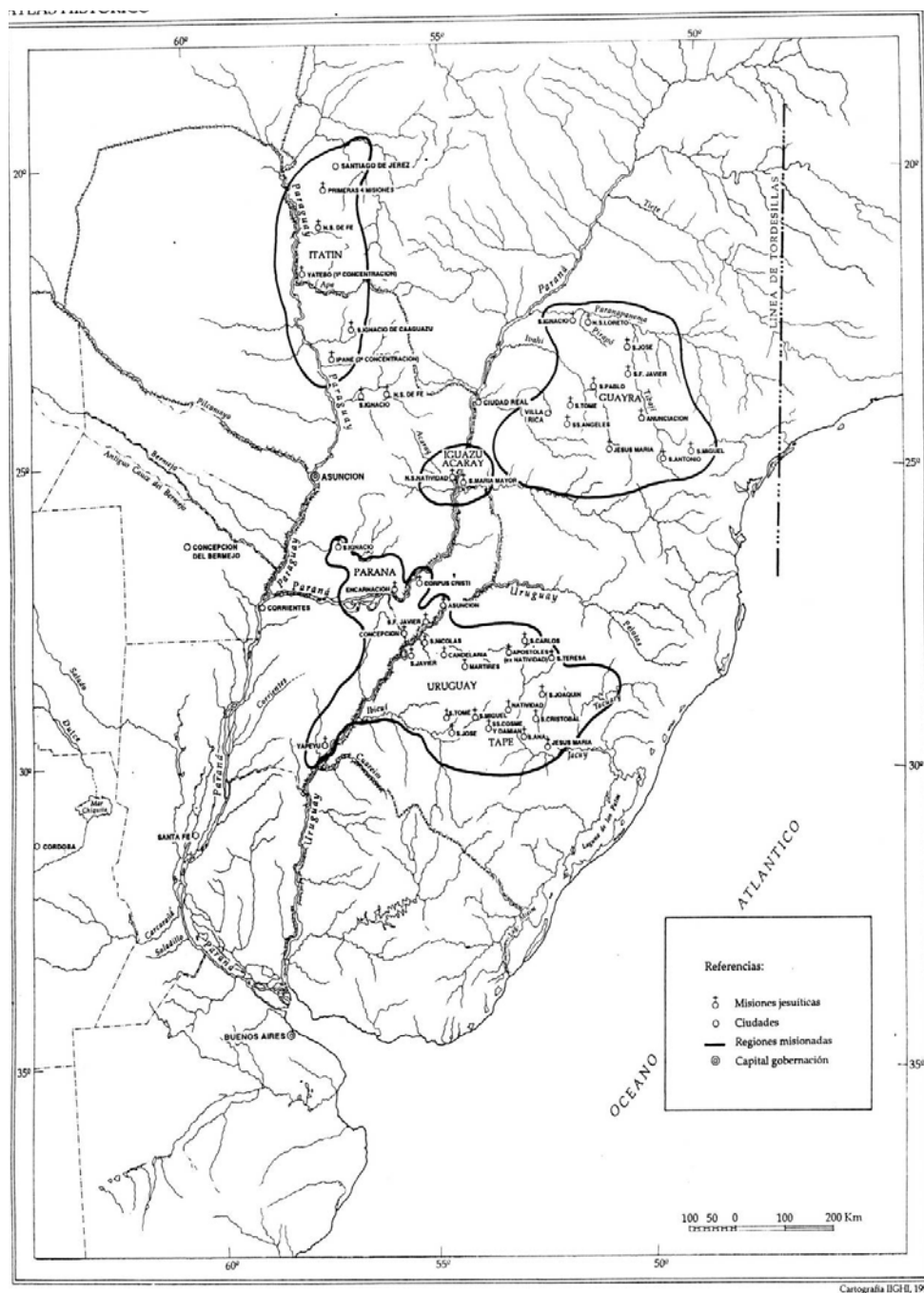
MONTOYA, Pe Antonio Ruiz. **Conquista Espiritual**. 2 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 1997.

PESCADOR, Cladimar. **Santa Maria indígena**: uma possibilidade de estudo histórico. Monografia de especialização. Santa Maria: UFSM, CPGHB, 1994.

QUEVEDO, Júlio. **Guerreiros e Jesuítas na utopia do Prata**. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

- QUEVEDO, Júlio. *O mito fundador das Missões Jesuíticas do Paraguai*, in: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.) **Sepé Tiaraju**: muito além da lenda. Porto Alegre: Comunicação Impressa, 2006: 9-30.
- QUEVEDO, Júlio. *Os Inventários dos Sete Povos das Missões: O contexto histórico*, in: NASCIMENTO, Anna Olívia do e OLIVEIRA, Maria Ivone de Ávila (orgs). **Bens e Riquezas das Missões**. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor; São Luiz Gonzaga: IHGSLG, 2008.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.) **Sepé Tiaraju**: muito além da lenda. Porto Alegre: Comunicação Impressa, 2006.
- RAMOS, Antonio Dari. **O medo instrumentalizado**: Província Jesuítica do Paraguai (1609-1637). Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2007.
- RECHIA, Aristilda. **Santa Maria**: panorama histórico-cultural. Santa Maria: Associação Santa-Mariense de Letras, 1999.
- RUBERT, Pe Arlindo. **A Diocese de Santa Maria**. Santa Maria: Edição do Bispado, 1957.
- SALDANHA, José de. *Diário Resumido e Histórico*. In: **ANAIS** da Biblioteca Nacional, v. 51, Rio de Janeiro: 1938: 137-301.
- Santa Maria: relatos e impressões de viagens**. (orgs.) José Newton C. Marchiori & Valter Antonio Noal Filho. 2 ed. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.
- TECHO, Pe Nicolás del. **Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesus**. Madrid: [s.n], 1897. v. IV.
- TORRONTEGUY, Teófilo O. V. *Apontamentos sobre as fronteiras meridionais da América Portuguesa, a partir do século XVII*. **Mimesis**, Bauru, 10(1): 55-61, 1989.
- TORRONTEGUY, Teófilo O. V. *A Redução de São Cosme e São Damião (1634-1637) e sua participação na ocupação humana na Bacia Platina*, in: **ANAIS** Jornadas Internacionales sobre las Misiones Jesuíticas – V, Montevideú, 1994: 207-215.
- TORRONTEGUY, Teófilo O. V. *Readaptação das famílias missioneiras migrantes: a rua da aldeia*, in: **ANAIS** Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros – 11. Santa Rosa: EdUNIJUÍ, 1997: 311-320.

Reduções Jesuíticas da Província do Paraguai, século XVII.
Redução de São Cosme e São Damião (em Santa Maria).



Fonte: (MAEDER e GUTIERREZ, 1994, pág. 57)